

Teses

defendidas no Programa
de Pós-graduação em
Geografia/UFMG no
2º semestre de 2010

A formação da renda espacial e o processo contemporâneo de revalorização dos centros urbanos: discursos e práticas

Reginaldo Gonçalves de Souza

Orientador

Prof. Dr. Sérgio Manuel

Merêncio Martins

Data de Defesa

03/08/2010

Área de Concentração

Organização do Espaço

O espaço urbano, sob as relações sociais capitalistas, tem seguido uma trajetória de incessantes metamorfoses. Algumas delas, às vezes, representam verdadeiras transmutações. Outras, de menores proporções (como já se afirmou), podem não passar de respostas ordinárias a crises regulares. Diante disto, este trabalho propõe uma análise do processo de reestruturação urbana que vem se desenvolvendo nas últimas décadas a partir dos desdobramentos da crise de acumulação e do próprio modelo de desenvolvimento fordista iniciada na década de 1970. Este fenômeno de reestruturação urbana é aqui referido como um processo de revalorização dos centros urbanos porque a teoria do valor (considerando a dinâmica de circulação-fixação e centralização do capital e suas prováveis implicações sócio-espaciais) constitui o referencial analítico do trabalho. A cidade de Belo Horizonte (e sua região metropolitana) é utilizada como um campo de observação. Aqui, as coalizões que comandam este processo de atualização do espaço urbano metropolitano têm assumido a uma perspectiva estratégica, isto é, têm considerado a competição interurbana (nacional e também internacional) no planejamento e na realização das intervenções sócio-espaciais. A intenção, portanto, é contribuir em alguma medida, para que a distância que existe entre a prática e a teoria (sócio-espaciais) se torne, de alguma forma, menor.

O sistema clima urbano do município de Belo Horizonte na perspectiva tempo-espacial

Wellington Lopes Assis

Orientadora

Profa. Dra. Magda Luzimar de

Abreu

Data de Defesa

11/08/2010

Área de Concentração

Análise Ambiental

O município de Belo Horizonte apresenta peculiaridades naturais e sociais que formam um universo de análise extremamente favorável ao estudo do clima urbano. Possui feições geográficas que contribuem não só para diferenciações topo e mesoclimáticas em espaços relativamente próximos, como para a exacerbação de problemas ambientais resultantes dos processos de urbanização e industrialização. Este trabalho teve como objetivo conhecer a evolução do clima belo-horizontino através do mapeamento das unidades climáticas naturais e urbanas. Para reconstituir os climas passados foram utilizados dados meteorológicos de 1910 a 1920. As condições topo e mesoclimáticas atuais foram avaliadas por aferições locais realizadas em três experimentos de campo. No primeiro e segundo experimentos foram distribuídos abrigos meteorológicos ao longo de um transecto longitudinal norte-sul, abrangendo tipologias de uso do solo e unidades morfológicas diferenciadas. No terceiro, a coleta foi realizada no hipercentro com intuito de observar as flutuações tempo-espaciais da ilha de calor no núcleo mais verticalizado e impermeabilizado da cidade. Em todos os experimentos coletaram-se dados horários da temperatura do ar, umidade relativa, direção e velocidade dos ventos. A análise da evolução dos principais elementos climáticos entre 1911 a 2009 constatou mudanças significativas no comportamento de alguns parâmetros, notadamente a temperatura mínima e umidade relativa. Os dados apontaram para um ligeiro aquecimento da atmosfera local e um decréscimo nos valores hídricos. Os experimentos de campo permitiram identificar três núcleos de aquecimento contínuo: o primeiro engloba o hipercentro e os locais situados na periferia da Regional Centro-Sul; o segundo se estende da região central da Regional Venda Nova até o extremo oeste da Regional Norte, e o terceiro abarca uma pequena área localizada entre as regionais Pampulha e Noroeste. Os resultados também apontaram para um aumento do número e diversidade de topoclimas

e mesoclimas, entre as condições atmosféricas observadas no início do século e aquelas registradas pelos trabalhos de campo. De modo geral as ilhas de calor (ICs) coincidiram com os locais mais adensados e impermeabilizados do município. Estas foram registradas tanto no período seco como no chuvoso, sendo que no período seco os gradientes térmicos horizontais foram mais intensos. No entanto, sob atuação de sistemas atmosféricos instáveis, com ocorrência de chuvas e ventos moderados, as ICs desapareciam, diminuindo também as amplitudes térmicas entre os pontos amostrais espalhados na cidade. Por fim, foi elaborada uma proposta de síntese climática para o município de Belo Horizonte, sob a forma de mapa, com a representação das principais unidades climáticas urbanas.

Virgínia de Lima Palhares

Representações da seca no imaginário dos sujeitos rurais da Inhaúma - MG

Orientadora:

Profa Dra Maria Aparecida dos Santos Tubaldini

Data de Defesa:

13/08/2010

Área de Concentração:

Organização do Espaço

O terna deste trabalho é o estudo da seca como representação social no imaginário dos agricultores. Esse estudo se realiza à luz de algumas correntes teóricas que se complementam, dialogando entre si com a geografia, a antropologia, a sociologia e a psicologia. O viés analítico escolhido para nortear o trabalho consistiu da abordagem cultural na geografia. O trabalho foi articulado em três eixos relativos a reflexões teórico- metodológicas, fundamentais para o desenvolvimento do universo empírico. O primeiro correspondeu ao aprofundamento da noção de representação, para fundamentar o entendimento da seca enquanto representação social. O aprofundamento do conhecimento relativo à memória, tomada como segundo eixo estruturante do trabalho foi determinante para articular a representação à linguagem oral e visual no contexto da subjetividade. A categoria paisagem constituiu-se no terceiro eixo articulador uma vez que é a base material na qual ocorre a interação daquilo que é visível e a representação do sujeito que a decodifica. Desenvolve-se aí a análise empírica a partir da qual se verifica a seca como elemento de construção da realidade social. O que se discute é que os signos na paisagem rural podem revelar a permanência do agricultor em seu espaço de vivência, ainda que se perceba uma acentuada ampliação da seca ao longo dos anos. Esperava-se com os objetivos, buscar responder como os sujeitos constroem sua identidade com a seca a partir da perspectiva sociocultural. Assim, pretendeu-se refletir sobre as representações da seca no imaginário dos agricultores da comunidade rural da Inhaúma-MG. Outros objetivos estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa consistiram em compreender como os sentidos da seca se incorporaram nas lembranças dos agricultores, bem como analisar a permanência da seca no universo do imaginário dos sujeitos rurais através do seu cotidiano. Optou-se por um encaminhamento metodológico de natureza qualitativa tomando a paisagem como base imagética espacial, uma vez que nela é possível olhar e ler as representações da seca presentes no imaginário dos agricultores e os modos de entender o mundo. A adoção de técnicas participativas permitiu a utilização da linguagem oral e visual para complementar a escrita da história cultural coletiva dos sujeitos rurais em análise. Foram consideradas a fotografia e entrevistas temáticas como instrumentos de reprodução do passado no tempo presente. Como resultado, houve a identificação de marcos simbólicos construídos ao longo do tempo e registrados na paisagem rural. Isso só foi possível quando se deu voz à simbologia da seca mantida no imaginário dos agricultores. Foram constatadas heranças de realidades socioculturais preservadas na paisagem, considerando notadamente a religiosidade, materializada pelos cruzeiros resgatados durante a realização da travessia enquanto ferramenta participativa.